

## **REDES DO AGRONEGÓCIO CANAVIEIRO: a territorialização do Grupo Tércio Wanderley no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba-MG**

### **SUGARCANE AGRIBUSINESS NETWORK: the territorialization of Tercio Wanderley Group in Triangulo Mineiro/Alto Paranaiba-MG**

**Natália Lorena Campos**

Mestra em Geografia – UFU  
natizinhacampos@yahoo.com.br

**João Cleps Junior**

Professor do Instituto de Geografia – UFU  
jcleps@ufu.br

#### **Resumo**

A presente pesquisa tem como objeto a atuação do Grupo Tércio Wanderley – grupo tradicional nordestino do setor sucroenergético e com atuação nas últimas décadas na região Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba no estado de Minas Gerais. A migração deste grupo para Minas Gerais ocorre justamente no processo de reestruturação produtiva que ocorreu a partir da década de 1980. Com a análise das estratégias de ação deste grupo na região pretendemos analisar como a produção agroindustrial se organiza por meio das redes, técnicas e produtivas, dentro da lógica dos circuitos espaciais produtivos. Esta organização em rede modifica substancialmente as relações com território, sobretudo, no que tange o controle produtivo. Metodologicamente, a pesquisa foi construída a partir de levantamentos de dados a respeito do setor sucroenergético em boletins e jornais afins, estudo do Grupo Tércio Wanderley e pesquisa de campo nas unidades mineiras do grupo, onde entrevistamos funcionários, fornecedores e trabalhadores da empresa. O processo de reestruturação produtiva no setor sucroenergético levou à reorganização territorial, resultando em novos arranjos territoriais cujas redes é o elemento de amalgama, criando novas territorialidades, desterritorializando e reterritorializando outras.

**Palavras-chave:** Agronegócio canavieiro. Grupo Tércio Wanderley. Reestruturação produtiva. Redes.

#### **Abstract**

This research has as object the Tercio Wanderley Group acting - traditional northeastern group of the sugarcane industry in the Northeast region and with operations in recent decades in the Triangulo Mineiro/Alto Parnaiba regions in the state of Minas Gerais. The migration of this group to Minas Gerais happen exactly in the productive restructuring process that happened place from the 1980s. With the analysis of the action strategies of this group in the region intend to analyze how the agro-industrial production is organized through networks, technical and productive, within the productive space circuits logic. This network organization substantially modify the relations with the territory, especially regarding the production control. Methodologically, the research was constructed from survey data about the sugarcane

industry in newsletters and the like newspapers, study Tercio Wanderley Group and field research in the units of the group in Minas Gerais, which interviewed employees, sugarcane suppliers and workers of the company. The restructuring process in the sugarcane sector led to the territorial reorganization, resulting in new territorial arrangements whose networks is the amalgam element, creating new territorialities deterritorializing and reterritorializando other.

**Keywords:** Sugarcane agribusiness. Territorialization. Tercio Wanderley Group. Productive restructuring.

## **Introdução**

A reestruturação produtiva trouxe uma nova configuração para o setor sucroenergético brasileiro, que durante o período de expansão canavieira que se iniciou na década de 1980 e perdurou até meados da década de 2000, passou por sucessivas crises ocorridas no cenário mundial. Com isso, o Estado passou a incentivar a produção do etanol como combustível alternativo em substituição ao petróleo, que se tornara uma opção cara. Frente às crises que elevaram o preço do petróleo, houve um incentivo à instalação e manutenção de destilarias e novas usinas de cana-de-açúcar em todo país, principalmente no estado de São Paulo.

Aliado a este cenário a região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba em Minas Gerais entrou no circuito de novos investimentos do setor sucroenergético com a presença de grupos econômicos de outras regiões do país, principalmente da região Nordeste (Alagoas) e do estado de São Paulo, aliado a presença de capital estrangeiro de grupos de origem estadunidense, inglês, argentino entre outros. Os grupos nordestinos, em sua maioria, grupos tradicionais na produção de açúcar, tem origem familiar. Com as crises no setor na década de 1990, redirecionam seu capital para novos territórios, adquirindo terras, implantando filiais ou adquirindo unidades já instaladas. Este é, por exemplo, o caso do Grupo Tércio Wanderley objeto de análise nesta pesquisa.

Este movimento de desterritorialização e reterritorialização do agronegócio canavieiro traz em seu bojo modificações na estrutura produtiva e na organização técnica da produção dando origem as redes produtivas. A ideia de redes compreende os conceitos de circuitos espaciais produtivos, mas também envolve todos os sujeitos que estão ligados à produção, a circulação e os sistemas de crédito. As redes se estabelecem na produção, os fornecedores, os arrendatários de terras. E também no pós-produção, ou seja, na distribuição e comercialização do produto final, sendo que está rede demanda

de outras redes existentes (rodovias, portos, telecomunicações, agências bancárias) e criam novas redes para o seu desenvolvimento. Em outras palavras, a estratégia de produção envolve uma nova lógica de apropriação do território pautado em um complexo sistema de redes, e integra a circulação de mercadorias, informações, pessoas, matérias-primas.

Este processo ganhou concretude com a reestruturação produtiva na década de 1980, e ganharam novas nuances que representa no período contemporâneo a principal estratégia de apropriação e controle do território por grupos econômicos. Entre estes grupos, destacamos o Grupo Tércio Wanderley que por ora tomamos como objeto de análise. Em outras palavras, a partir da análise das estratégias de ação deste grupo na região, pretendemos analisar como a produção agroindustrial se organiza por meio das redes, técnicas e produtivas, dentro da lógica dos circuitos espaciais produtivos. E mais, como o processo de reestruturação produtiva no setor sucroenergético levou à reorganização territorial, resultando em novos arranjos territoriais, cujas redes são o elemento de amálgama, criando novas territorialidades, desterritorializando umas e reterritorializando outras.

Metodologicamente, a pesquisa foi construída a partir de levantamentos de dados a respeito do setor sucroenergético em boletins e jornais afins, estudo do Grupo Tércio Wanderley e pesquisa de campo nas unidades mineiras do grupo, onde entrevistamos funcionários, fornecedores e trabalhadores da empresa.

Por fim, esperamos que a conclusão deste trabalho possa demonstrar as principais transformações ocorridas devido à implantação das usinas Coruripe na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, tanto de impacto positivo quanto negativo, por meio do estabelecimento das redes postas e estabelecidas pela empresa.

### **A agroindústria canavieira e a organização em rede**

A produção canavieira foi uma das primeiras atividades produtivas e econômicas no Brasil desde o início da colonização, que se deu no século XVI e ainda hoje se configura como uma atividade de grande importância no cenário econômico nacional, tanto na produção de açúcar, etanol e energia. O Brasil é o país que possui a maior produção de cana-de-açúcar no mundo. Desde então, a agricultura brasileira passou por

inúmeros processos de transformação ao longo do tempo. Essas transformações foram responsáveis pelo desenvolvimento do agronegócio vigente no país.

Para abordarmos a organização do setor sucroenergético em rede, é necessário a discussão de alguns conceitos que permitirão compreender como as empresas do agronegócio se (re)organizam e transformam o território em que elas atuam, estabelecendo novas relações, tanto políticas como econômicas.

O que comandou durante o período da Modernização da Agricultura (década de 1950) como explicativo das transformações ocorridas no campo brasileiro foi o conceito de Complexo Agroindustrial. O CAI corresponde a uma “integração entre indústria-agricultura, na qual a produção agrária não se acha apenas na dependência das solicitações do comércio, mas também de um conjunto de indústrias que tem nas atividades agrárias seus mercados” (MULLER, 1989, p. 18).

Ao longo do tempo, o termo complexo agroindustrial passou a ser objeto de controvérsia na medida em que ele passou a não ser mais utilizado. A ideia do conceito foi criticada por ser um fato recente no Brasil, assim como sua contribuição teórico-metodológica. A segunda crítica chamou a atenção para o fato de que a agregação que o conceito pressupõe pode impedir que importantes particularidades da dinâmica econômica das diferentes atividades envolvidas sejam devidamente captadas (RAMOS, 2007, p. 39-40).

Diante das mudanças no processo de produção agroindustrial onde a circulação das mercadorias tornou-se uma prioridade e um campo de atuação estratégica das empresas, alguns teóricos defendem a ideia de que o conceito de complexo agroindustrial não cabe mais como definidor da produção agroindustrial. Segundo Mazzali (2000), o conceito não está adequado para descrever e explicar a nova dinâmica das articulações entre as empresas, conduzindo a necessidade de recorrer a novas ferramentas conceituais, chegando à organização em *rede*.

As redes estão presentes na organização infraestrutural de uma empresa, na circulação de mercadorias, informações, pessoas, matérias-primas. Assim, o papel das redes na organização territorial é atribuído desde a década de 1970 com as inovações técnicas. Utilizaremos esse conceito no aspecto de integração produtiva, integração de mercados, integração financeira e integração de informações. Nesse sentido, palavras-chave serão bastante utilizadas nessas definições, como produção, circulação, fluidez, integração, competitividade, tudo que circunda esse ambiente de atração de capitais.

Usando das palavras de Dias (1995), "a rede aparece como um instrumento que viabiliza exatamente essas duas estratégias: circular e comunicar". A rede é o instrumento técnico e político que viabiliza as estratégias de circular e comunicar à distância (CASTILLO; FREDERICO, 2010).

Nesse sentido, as redes técnicas têm grande contribuição para compreendermos a reestruturação do território agroindustrial canavieiro do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. A rede técnica é um "artefato que ao ser implantado no território tem o objetivo de conectar pontos para possibilitar entre esses pontos a circulação dos fluxos" (COSTA; SILVA, 2007, p. 3). A preocupação em não pensar a rede desvinculada dos interesses econômicos e políticos, uma vez que quando as redes técnicas se implantam, materializam-se também as relações de poder; pois nelas circula mercadorias, pessoas, informação.

As redes agroindustriais associam todas as atividades inerentes ao agronegócio, seja a agropecuária propriamente dita, sejam as atividades que antecedem essa produção e lhe são fundamentais, sejam as atividades de transformação industrial cuja matéria-prima provém da atividade agropecuária, seja de distribuição de alimentos prontos etc. (ELIAS, 2011, p. 155). Ela surge como um novo modelo de articulação das relações no setor agroindustrial entre os agentes econômicos, no interior das empresas e entre elas. Sua principal característica é a "superação da dicotomia entre a unidade econômica e seu ambiente, uma vez que seu objeto de estudo abrange tanto a empresa quanto as interações entre empresas que dão conformidade ao seu ambiente próximo" (MAZZALI, 2000, p. 155).

Mazzali (2000) aponta como vantagem da organização em rede a "quebra" dos limites geográficos permitindo às empresas captar o movimento recente de globalização. Isto acontece devido ao fato de que estas não se prendem em nenhum tipo de fronteira, seja ela geográfica, setorial ou empresarial. "As redes são globais: redes produtivas, de comércio, de transporte, de informação" (SANTOS, 2008, p. 269).

O processo de reestruturação produtiva na agropecuária levou à reorganização territorial, resultando em novos arranjos territoriais, criando novas territorialidades, desterritorializando e reterritorializando outras. Esses novos arranjos territoriais podem ser visualizados na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Isso se deve ao fato de encontrarmos aqui uma intensa substituição dos sistemas técnicos agrícolas, mudança nas formas de uso e ocupação do espaço, a substituição da produção de alimentos pela produção de *commodities*, a implantação de monoculturas substituindo as vocações "naturais" da

região, como por exemplo, a pecuária devido a difusão da monocultura canavieira presente em grande parte desse território.

Esta reconfiguração territorial deve-se a materialização das ações das empresas no território, mas deve-se também a atuação sistemática do Estado, sobretudo, com as políticas de incentivo ao setor sucroenergético. Na década de 1980, porém esta situação modifica-se, as políticas públicas enfraquecem e o setor precisa se reestruturar. Esta conjuntura político econômica é o assunto do próximo item.

### **Políticas de Estado no setor sucroenergético do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**

A produção de álcool combustível foi incentivada a partir da década de 1970, período em que o Estado criou políticas de incentivo para sua produção. Foi num contexto de modernização que a região Centro-Sul vivenciou um momento de expansão, no qual a cultura canavieira obteve sucesso nessa região. Durante o período da modernização da agricultura iniciado na década de 1950, o Estado criou alguns importantes programas para o desenvolvimento das áreas agrícolas do Cerrado, especialmente no Triângulo Mineiro.

Observando as estratégias das políticas públicas para o setor sucroenergético, o Estado atuou também na região Nordeste a fim de modernizar os canaviais nordestinos nas décadas de 1970/80, mas sem grandes êxitos. Nesse contexto, a região Centro-Sul começou a receber suas primeiras unidades de produção e áreas de cultura da cana-de-açúcar. Essa expansão deu-se não apenas devido ao descrédito dos produtores nordestinos, mas também devido às constantes secas que motivaram o envolvimento de novas áreas, e até mesmo a transferência de algumas unidades para o Centro-Sul.

No contexto de migração de capitais, o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba passou a receber grupos econômicos nordestinos e paulistas que viram na região um potencial de crescimento da produção canavieira. Em sua tese de doutorado, Oliveira (2009) investigou entre os representantes dos grupos/empresas nordestinas os principais fatores da migração do capital agroindustrial canavieiro para o Centro-Sul. Os pontos destacados foram à falta de terras para a expansão canavieira na região, a baixa fertilidade dos solos, a deficiência hídrica e irregularidade das precipitações e a topografia acidentada que dificulta o processo de mecanização encarecendo os custos de produção.

Diante do ocorrido, podemos verificar algumas redes agroindustriais se formando, uma vez que ocorra à transferência de capital e *know-how* dos grupos

tradicionais nordestinos para essa nova fronteira agrícola de expansão. Vale ressaltar que apenas os grupos capitalizados, considerados grandes, conseguiram se manter investindo em práticas de irrigação, viabilizando a produtividade diante desse cenário de crise, onde algumas usinas faliram.

Mas, a ação do Estado perdeu força a partir da década de 1980, os subsídios às usinas foram cortados, o setor sucroenergético precisou se reestruturar e buscar novos investimentos. O ano de 1995 marcou o início da desregulamentação do mercado brasileiro de açúcar e álcool. Foi nesse período que teve início os investimentos estrangeiros na atividade canavieira no Brasil.

Esse fato teve mais repercussão e intensificação decorrente à crise financeira de 2008, momento em que se acentua o processo de internacionalização de capitais nas agroindústrias canavieiras de Minas Gerais. No Brasil, esta tendência acentua-se a partir dos anos 2000, período em que o país estava passando por uma profunda e acelerada internacionalização de seus ativos e da produção (BENETTI, 2009). Segundo a SIAMIG (2011), a participação estrangeira corresponde a 20% da produção, em torno de 10 milhões de toneladas de cana. A internacionalização da atividade corresponde aos esforços de consolidar o etanol nos mercados globalizados, modificando as estruturas do setor canavieiro (tradicionalmente controlado por empresas familiares) e expandindo suas redes de influência.

No quadro 1 apresentamos os principais grupos estrangeiros atuantes nas usinas de Minas Gerais no período compreendido entre 2007/2014.

**Quadro 1: Inserção do capital estrangeiro na aquisição de unidades em Minas Gerais**

GRUPO INVESTIDOR	USINA	MUNICÍPIO	PART. ACIONÁRIA (%)
Adecoagro (EUA/Argentina)	Monte Alegre	Monte Belo	100
Bunge (EUA)	Frutal Itapagipe Santa Juliana	Frutal Itapagipe Santa Juliana	100
Cargill (EUA)	Itapagipe	Itapagipe	43,75
Infinity Bio (Inglaterra)	Alcana – Nanuque CEPAR – São Sebastião do Paraíso	Nanuque São Sebastião do Paraíso	100
Louis Dreyfus Commodities (LDC), Biosev - Santa Elisa Vale (França)	BIOSEV – Lagoa da Prata	Lagoa da Prata	100
Global Foods/Carlyle/Rivestone/Goldman Sachs/Discovery Capital (EUA)	CNAA – Ituiutaba CNAA – Campina Verde CNAA – Platina	Ituiutaba Campina Verde Platina	72
ADM (EUA)	Limeira do Oeste	Limeira do Oeste	50
British Petroleum (BP Biofuels – Inglaterra)	Ituiutaba	Ituiutaba	100
Dow Chemical Company - Mitsui & Co. Ltda (EUA/Japão)	Santa Vitória	Santa Vitória	50 (EUA) – 50 (Japão)

Fonte: Relatório Econômico – SIAMIG, 2009 – atualizado pela autora, 2014.

Org.: CAMPOS, N. L., 2014.

Essa tendência teve um crescimento a partir da década de 2000, no qual os grupos estrangeiros passaram a atuar no estado com a fusão e/ou aquisição de unidades mineiras. O capital estrangeiro em Minas Gerais tem origem inglesa, estadunidense, argentina e francesa principalmente, e conta com a participação de grupos japoneses e chineses na atividade. Ele se instala nos ramos de infraestrutura e de *commodity* agrícola-energética e se constituem a partir da construção e aquisição de usinas, compra de terras e controle da tecnologia, bem como a expansão de redes transnacionais (Diagnóstico de Impactos de Grandes Projetos em Direitos Humanos, 2009, p. 33).

Segundo o diagnóstico supra citado, houve um crescimento acelerado da atividade canavieira devido ao aumento da demanda doméstica do etanol. No entanto, as restrições de crédito ocasionadas pela crise financeira favoreceram as fusões e internacionalização do setor, e como tendência, as usinas de pequeno e médio porte foram compradas pelas maiores. Segundo Vencovsky (2013), essas empresas possuem operação em quase todas as regiões do país, atuando em fábricas de insumos, indústrias esmagadoras, terminais aquaviários, ferroviários e portuários, usinas de açúcar e etanol, dutos, ferrovias e

empresas transportadoras, além de propriedades agrícolas. O autor discute que a atuação dessas empresas, “seus investimentos, relações técnicas e políticas, e fluxos de produtos, informações e recursos financeiros, permite compreender a própria organização e uso do território nacional” (VENCOVSKY, 2013 p. 53).

A compra de terras por estrangeiros desencadeou novas formas de luta pela terra e pelo território.

O agronegócio compra as terras dos latifúndios e se territorializa aceleradamente ameaçando os territórios camponeses e indígenas. Estes novos elementos da questão agrária criam novas conflitualidades, gerando novas formas de luta e de resistência (FERNANDES, 2010, p. 80).

O autor ainda ressalta que a disputa territorial será o tema principal da questão agrária nos próximos anos, pois a luta não é apenas contra o latifúndio, mas também contra o agronegócio. Essa disputa territorial colocada na atualidade, contra o modelo de produção capitalista, mais precisamente contra a produção de agroenergia, além de gerar conflitos com a agricultura camponesa, gera inúmeras transformações no território. São essas transformações que compreenderemos a partir da atuação do Grupo Tércio Wanderley no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, nos municípios onde as usinas Coruripe estão instaladas.

### **Grupo Tércio Wanderley – Usina Coruripe (AL) e Coruripe Filiais (MG)**

A Usina Coruripe está instalada no município de Coruripe (AL) desde 1925 e faz parte do Grupo Tércio Wanderley desde 1941, onde se consolidou e ganhou destaque na produção canavieira, tornando-se uma das maiores e mais importante usina da região Nordeste. O município de Coruripe localiza-se a 120 quilômetros de Maceió, capital de Alagoas. A Coruripe Matriz foi constituída da união de pequenos engenhos, onde o Comendador Tércio Wanderley adquiriu o controle acionário da empresa. Sua principal atividade é a produção de açúcar e álcool, além da produção de energia, atividade que tornou possível através de estudos em relação ao destino dos resíduos da cana-de-açúcar.

O setor sucroenergético alagoano passou por um processo de reestruturação produtiva durante a década de 1990, onde adotou novas estratégias competitivas conseguindo superar a desregulamentação e as dificuldades, reafirmando o foco da

produção no açúcar, álcool e energia e especializando a produção. Porém, as crises ocorridas e o esgotamento das terras na região Nordeste fizeram com que os grupos capitalizados direcionassem parte do seu capital acumulado para o Centro-Sul.

Ainda em tempos atuais, a usina Coruripe Matriz exerce uma forte presença na economia local, depois de passado o período de reestruturação produtiva que teve como resultado o início da rede agroindustrial através da sua expansão para Minas Gerais, onde se estabeleceu em 1994 com sua primeira filial localizada no município de Iturama. A empresa foi adquirida pelo Grupo a partir da aquisição da Destilaria Alexandre Balbo, e tornou-se a mais importante unidade do estado, por ser a primeira e a maior tanto em produção como em capacidade produtiva.

Vale lembrar que o grupo TW expandiu seu negócio no Triângulo Mineiro com base em três estratégias: 1) aquisição de uma unidade do grupo paulista Balbo, a partir da qual foi criada a Unidade Coruripe Filial Iturama em 1994, quando o grupo iniciou suas atividades em Minas Gerais; 2) o desmonte da antiga destilaria Camaçari, em Alagoas, sendo parte dos equipamentos usados para implantar a Unidade Coruripe, no município de Campo Florido, em 2002; 3) e a construção de novas unidades, a Coruripe Limeira do Oeste, em 2005, e a Coruripe Carneirinho 100% nova, voltada inicialmente para a produção de açúcar (OLIVEIRA, 2009, p. 250).

Podemos afirmar, segundo pesquisas de campo, que a empresa filial de Iturama está no centro das duas filiais – de Limeira do Oeste e Carneirinho, gerando influência direta nessas unidades tanto pela proximidade quanto pela forma da produção dessas filiais. À filial de Limeira do Oeste foi destinada apenas à produção de etanol, já a filial de Carneirinho produz apenas açúcar e fica a cargo da unidade de Iturama controlar o desempenho dessas unidades.

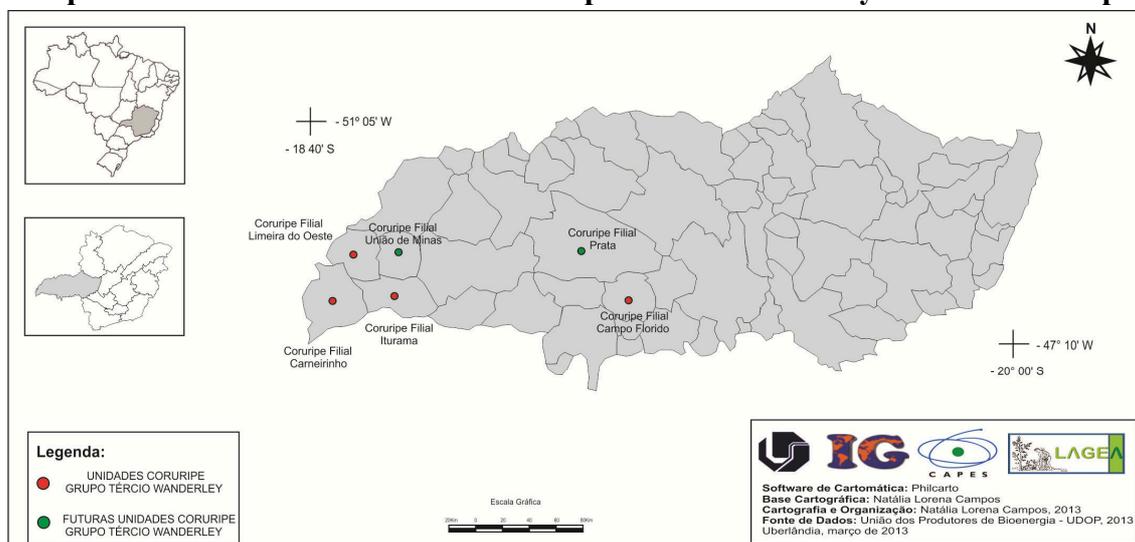
Portanto, a influência que a empresa de Alagoas tem nas empresas mineiras está mais relacionada ao nome e prestígio do Grupo, contando com uma influência na parte administrativa. As empresas mineiras possuem autonomia de gestão e são consideradas até mais evoluídas que a matriz no que se refere a tecnologias aplicadas na parte industrial e na mecanização, que está em fase inicial na unidade de Alagoas, até por condições do próprio relevo do estado.

A partir da fala do entrevistado, percebemos a influência da unidade de Iturama nas demais unidades da região. *“A unidade de Alagoas, de lá vem a administração central, a distribuição dessas ideias é feita por Iturama. De lá se reúne o conselho e as*

*metas, e Iturama é o lugar que faz o repasse”<sup>1</sup>*. Isso se dá principalmente por ter sido a primeira unidade em Minas Gerais, e em sua aquisição, a região já possuía a estrutura de uma grande empresa, tornando a unidade responsável pelas demais unidades do Grupo.

O Grupo Tércio Wanderley possui ramificações no estado de Minas Gerais compreendendo quatro agroindústrias canaveiras no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, a primeira localizada no município de Iturama (1994), a segunda em Campo Florido (2001), a terceira em Limeira do Oeste (2005) e a quarta em Carneirinho (2008). Essas unidades estão representadas no Mapa 01.

**Mapa 1: Unidades Processadoras do Grupo Tércio Wanderley – Usinas Coruripe**



Fonte: UDOP, 2013.

Org.: CAMPOS, N. L., 2013.

Sua unidade matriz foi fundada em 1925 no município de Coruripe, a 120 km de Maceió. Somente em 1941 que o empreendedor Tércio Wanderley adquiriu o controle acionário da empresa. Atualmente o Grupo é representado por três *holdings* que detém o controle da Usina Coruripe, Coruripe Energética e o Terminal Rodoferroviário de Fernandópolis.

Atualmente, grande parte da cana moída nas usinas Coruripe são oriundas de fornecedores (grandes e pequenos) e pela própria usina que adquire terras para o plantio. Os fornecedores de cana e a usina arrendam terras para a produção canaveira, pois muitos produtores da região optam pelo arrendamento por não possuir condições de produzirem em suas terras. O grupo ainda possui a Coruripe Energética, voltada a cogeração de energia, uma localizada na Filial Iturama desde 2001 e a outra localizada

na Filial de Campo Florido desde 2007. O objetivo dessa empresa é aproveitar a grande quantidade de bagaço de cana produzido nas suas unidades. A energia elétrica produzida, cerca de 124MW/h é utilizada nas usinas (60 MW/h) e o restante (64 MW/h) é comercializados com terceiros (Cemig).

A migração do Grupo Tércio Wanderley para o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba ocorreu com pequena participação do Estado, diferente do que acontece com a implantação da maioria das usinas que são financiadas pelo BNDES. O Estado esteve presente com maior incentivo no momento em que instalou-se a Destilaria Alexandre Balbo. Na implantação da Coruripe houve benefício fiscal de ISS<sup>2</sup>, porém por curto prazo, segundo entrevista de campo. O interesse de investimento do Grupo na região foi pautado na possibilidade de crescimento e expansão dos mercados, pois o Grupo foi um dos pioneiros a se instalar na região.

*[...] quando eles vieram pra cá, nós tínhamos aqui a João Lyra lá em Ituiutaba, Capinópolis, praticamente não era explorada a região. E eles viram que o setor ia crescer, eles viram que ia sair de São Paulo, de Pernambuco e Alagoas a cana, pro restante do país, e eles mediram, eles mapearam as regiões que podiam ter retorno. Terra produtiva, capacidade de água muito grande<sup>3</sup>.*

Sobre a unidade de Campo Florido, os incentivos ocorreram em forma de Parcerias Público Privadas (PPP) para o desenvolvimento da malha viária a fim de facilitar o escoamento da produção, como aponta o Gerente Administrativo da usina.

No município em questão, a implantação da Coruripe ocorreu em virtude dos próprios fornecedores. Segundo o Gerente Administrativo da empresa, os fornecedores possuíam uma excelente estrutura para o plantio da cana e já detinham mão de obra para o plantio e colheita mecanizados, onde as primeiras safras já iniciaram com a mecanização.

*A estrutura que os fornecedores tinha pra plantar cana era muito boa. Logicamente topografia, clima, isso tudo também ajudou, mas o que mais pesou foi a estrutura que os fornecedores tinha. São empresários rurais e já detinham a mão-de-obra para plantio e colheita toda mecanizada, então eles já partiram, a introdução veio tudo com colheita mecanizada. Então eles já tinham tecnologia, já implantavam tecnologia de ponta na área agricultável de soja, ou soja ou milho, então a grande indução de vir pra cá foi dos próprios fornecedores<sup>4</sup>.*

O desenvolvimento da atividade canavieira foi bastante favorável para as empresas no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Quando questionado sobre os fatores

que influenciaram os investimentos na região, a primeira resposta foi em relação ao grande potencial agrícola, a disponibilidade de terra e água, a infraestrutura decorrente dessa expansão – visto que o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba já possuía uma logística que facilitou o desenvolvimento da produção. Além disso, a capacidade de crescimento da atividade canvieira foi um dos principais fatores que influenciaram os investimentos, tanto no crescimento da usina como dos fornecedores. O Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, embora bastante ocupado por outras atividades agropecuárias, ainda possui imensas áreas a ser “*exploradas pela monocultura canvieira*”.

Como bem aponta Castillo (2013) e ressaltado pelo fornecedor de cana da Coruripe, a viabilidade consiste na usina estar situada no centro de um círculo ocupado por canaviais, cujo raio poderia ser estimado em 40 km, pois o “mais importante que a distância física é a distância medida em custo e, sobretudo, em tempo” (CASTILLO, 2013, p. 77). Por outro lado, devido à proximidade de algumas usinas na região, é impossível cartografar o alcance potencial de cada usina, pois a monocultura se confunde tornando visível como uma coisa só.

Segundo o prestador de serviço da usina Coruripe, não se justifica o custo de uma lavoura afastada da usina. Torna-se inviável, pois a usina trabalha com CCT – Corte, Carregamento e Transporte, dando preferência às áreas próximas à usina e seu entorno. “*A gente brinca muito, o custo do CCT menor é a gordura do meu lucro*”.

Mesmo com as oscilações devido às crises, ou mesmo a redução de custos nos tratamentos dos canaviais influenciando na produtividade, os empresários do agronegócio canvieiro se mantêm bastante otimistas em relação ao crescimento da atividade. Segundo o fornecedor responsável pelo Grupo Irmãos Boldrin, desde que vieram para Minas Gerais não deixaram de expandir.

A crise de 2008, responsável por uma grande quebra no setor onde muitas usinas fecharam no país por não conseguirem se manter, acabou selecionando o pessoal que continuaria na atividade. A estrutura que o Grupo Tércio Wanderley mantém, fez com que os reflexos da crise de 2008 não fossem tão impactantes, afetando pouco a produtividade. O Grupo trabalha com endividamento baixo para em momentos de crise ter caixa para se manter. Outra estratégia utilizada durante a crise de 2008 foi a redução de custo de produção. De acordo com o Gerente Administrativo da filial de Campo Florido, eles otimizaram os custos industriais e agrícolas, deixando de aplicar alguns

corretivos, agrotóxicos e adubação, realizar algumas expansões que estavam previstas para enfrentar a crise sem necessidade de dispensar mão de obra. Utilizando essa estratégia de redução, o Grupo conseguiu se manter e passada a crise já trabalham em novos projetos de expansão.

### **Estratégias do Grupo Tércio Wanderley na aquisição de terras**

É comum na atividade canavieira as usinas adquirirem terras para a produção, além de contar com as parcerias dos produtores. Essa aquisição se dá por meio de contratos de compra e venda e/ou contratos de parcerias e arrendamentos.

Em entrevista com o prestador de serviços da Coruripe, desvendamos algumas estratégias da forma de aquisição de terras pela empresa. Durante o ano de 2013, o Grupo Tércio Wanderley passou por uma reestruturação em suas esferas organizacionais, onde ocorreu a mudança de sua equipe de gerenciamento tanto da matriz alagoana quanto das filiais mineiras. Essas mudanças ocorreram principalmente para selecionar os parceiros e os fornecedores de cana.

A Coruripe tem uma carta de crédito do Banco Santander onde possui a sua disposição uma quantia de 300 milhões de reais aprovados, podendo ser aumentado desde que a empresa possua uma diretoria executiva. De acordo com o entrevistado, a transição que ocorreu foi com o objetivo de facilitar os financiamentos com juros de *2% a 2,5% ao ano com capital estrangeiro que não vai mexer em nada do país, que dá mais independência financeira com relação ao Governo*. O motivo da transmissão foi o de colocar uma pessoa entre o fornecedor, a entidade, o mercado financeiro e os donos da usina, pois o contato que eles tinham era muito pessoal.

A empresa participa como avalista nos financiamentos de seus parceiros e produtores. Nesse sentido, todo o acesso que os produtores têm ao crédito está vinculado a um aval dado pela Coruripe, pois a empresa possui carta branca em todo sistema financeiro.

Ainda, a empresa utiliza-se de algumas estratégias na aquisição de terras para a produção e o tratamento que ela mantém com os produtores e com quem está interessado em iniciar na atividade canavieira. O que geralmente ocorre com alguns produtores que iniciam na atividade canavieira e arrendam suas terras para a usina, é o

fato de estarem endividados e pedir adiantamento de safras. O ciclo produtivo da cana é demorado. Quando se arrenda uma terra em 2013, por exemplo, a usina só começa a explorar a área a partir de novembro/dezembro com a preparação do solo, e a cana é plantada em fevereiro/março. Nesse sentido, ela só será colhida em meados de julho de 2015. Assim, muitos que arrendaram as terras e pegaram dinheiro adiantado, quando deveriam começar a lucrar com a venda da cana, já se encontram novamente endividados e acabam vendendo suas terras para a usina, como discriminado em contrato, pois a usina tem preferência na compra da terra, mesmo que ele encontre um comprador que ofereça um valor maior.

Com essa estratégia, a usina adquiriu muitas propriedades que são administradas por ela ou em parceria com os fornecedores. Nessa parceria, a usina arrenda suas terras para o parceiro cultivar a cana e recebe os 13, 14% como os outros produtores que arrendam a terra.

### **(Re)Configuração territorial devido à presença das usinas Coruripe**

Desde a instalação da primeira unidade da Coruripe em Minas Gerais, diversas transformações ocorreram nos territórios em que a usina está estabelecida. Durante a pesquisa de campo, o que mais foi dito em relação a presença da Coruripe na região foi a boa condição de logística. Segundo o Prestador de Serviços da Coruripe, a usina<sup>5</sup> está situada na rota do tráfego e possui uma imensa facilidade de negócios. Além disso, foram os pioneiros a instalar-se na região onde só havia o Grupo João Lyra em Capinópolis. A região praticamente não era explorada pelo agronegócio canavieiro. *“Eles viram que o setor ia crescer, eles viram que ia sair de São Paulo, de Pernambuco e Alagoas a cana para o restante do país, e eles mediram, eles mapearam regiões que podiam ter retorno. Terra produtiva, capacidade de água muito grande”<sup>6</sup>.*

Assim, as unidades concentradas no polo de Iturama possuem uma maior relação logística com o estado de São Paulo devido a sua proximidade e facilidade no escoamento da produção através do terminal de Fernandópolis, enquanto a Filial de Campo Florido está localizada próxima a Uberaba, embora também possua uma boa condição logística com o estado de São Paulo no escoamento da produção até o porto de Santos.

Nesse sentido, a logística da região e uma legislação ambiental com poucas restrições como a do estado de Minas Gerais foram os principais atrativos para que os

grupos empresariais encontrassem novas áreas de expansão, desconcentrando as áreas paulistas durante a década de 1990.

Do ponto de vista corporativo, a expansão da produção do etanol para novas áreas implica na necessidade de identificar os municípios mais adequados ao estabelecimento desta atividade, o que exige certa obediência a um conjunto de critérios de escolha. Trata-se, portanto, da seletividade espacial em busca do aumento de competitividade, principal diretriz dos agentes capitalizados envolvidos no processo. As facilidades oferecidas pelo Estado, em estreita cooperação com as grandes empresas, fazem parte do conjunto de variáveis que pautam as localizações dos investimentos, notadamente em usinas (CAMELINI; CASTILLO, 2012, p. 8).

Segundo a Siamig (2013), Minas Gerais possui 890 mil hectares de cana distribuídos em 121 municípios canavieiros, onde 31 municípios contam com unidades agroindustriais. Esses municípios sofrem influência direta das unidades agroindustriais, pois elas têm a capacidade de transformar os territórios e modificar as estruturas sociais local.

A partir da expansão canavieira no Cerrado mineiro, precisamente na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, percebemos algumas transformações ocorridas na paisagem, nos modos de vida e na produção agrícola, principalmente dos pequenos municípios dessa região. Minas Gerais, assim como Goiás e Mato Grosso, já haviam experimentado o modelo de produção baseado no agronegócio com o cultivo da soja nos anos 1980, o que facilitou o desenvolvimento da monocultura canavieira. Essa monocultura trouxe transformações tanto positivas quanto negativas para a região, o que pretendemos abordar tomando como exemplo as ações do Grupo Tércio Wanderley.

Os municípios que possuem usinas instaladas apresentam características semelhantes em relação ao crescimento econômico segundo a pesquisa do Diagnóstico de Impactos de Grandes Projetos em Direitos Humanos (2009). Isso deve ao fato de que a instalação da usina gerou um crescimento populacional para esses municípios. Devido ao atrativo do emprego, houve um crescimento do comércio de diversos serviços como alega o Gerente Administrativo da Usina Coruripe de Campo Florido.

*Ela influenciou ai o comércio local, o desenvolvimento local, o próprio desenvolvimento habitacional, não era uma região que tinha um impacto de desenvolvimento habitacional tão grande, foi o que aconteceu. Campo Florido ao longo de 10 anos praticamente dobrou sua população, tinha entre 2.600, 2.800 habitantes, hoje é 6.200. E alguns outros aspectos da cidade também, que não tinha comércio local, o comércio era todo em Uberaba, foi atraindo o comércio pra cá, o desenvolvimento do próprio comércio local, a prestação de serviço, mão de obra não tinha também na região, começou a acontecer; é*

*hotéis, posto de combustível, isso também não tinha. Então toda a influência física dentro da cidade que houve foi praticamente pela demanda da empresa. A gente deve aí empregar na faixa de 4.600 empregos indiretos de fornecedores de cana, a gente tem a empresa com 70% de cana de fornecedor, chegou a ser 100%, então isso influenciou muito no próprio desenvolvimento da região e quando o fornecedor ele compra, ele compra do comércio local, ele não tem o poder de compra que a usina tem. Quando a usina vai comprar ela compra 100 pneus, 200 pneus, pra comprar pra vários tratores né, e o fornecedor não, ele tem talvez dois, três tipos de modelo de tratores diferentes. E aí ele compra no comércio local, acaba fomentando o comércio local. Então veio pra cá grandes cooperativas, Copercito, Copercana, e outras demais aí, então desenvolveu muito bem o comércio local<sup>7</sup>.*

A fala do entrevistado refere-se ao município de Campo Florido, que durante esses dez anos passou por significativas transformações estruturais e econômicas. Em 2010, a cana-de-açúcar já ocupava uma área de 17.500 hectares no município. Além da cana-de-açúcar, suas principais produções são soja, milho, arroz e feijão, além da pecuária que ainda é representativa, pois o município localiza-se a 74 km de Uberaba.

Como dito pelo entrevistado, Campo Florido vem experimentando um crescimento econômico inédito. Ainda hoje (2014) o município sofre as influências da Coruripe, pois ela gerou novos postos de trabalho, porém, as populações camponesas não foram beneficiadas com esses empregos, com a maioria excluída desse processo, principalmente os migrantes.

Outra ação que a presença da Coruripe influenciou no município de Campo Florido foi à parceria em alguns projetos em conjunto com a prefeitura. Dentre o que denominamos redes tecidas pela empresa, podemos mencionar a construção de estradas para facilitar o escoamento da produção, a construção de moradias populares que transformam a paisagem do município por influência da empresa. Durante a pesquisa de campo em Agosto/Setembro de 2013, pudemos observar algumas moradias populares sendo construídas. Essas moradias possuem articulação com a BR-153, quarta maior rodovia do Brasil que faz ligação para o Norte do país.

**Foto 1: Moradias populares em Campo Florido-MG**

Fonte: Trabalho de campo, pela autora (Campo Florido - Set./2013).

De acordo com o entrevistado, são moradias populares (Foto 01) construídas pela prefeitura via Projeto *Minha Casa, Minha Vida* durante o governo Dilma (2011-2014). Quando questionado sobre a placa com a *logo* da empresa, ele nos disse que a Coruripe comprou o terreno e doou para a prefeitura, que está construindo 600 moradias populares. Esta ação da empresa é uma forma de responsabilidade social para o município, a fim de amenizar os impactos sociais ocasionados pela instalação da usina.

A instalação da Coruripe no município trouxe diversas mudanças nas atividades comerciais, antes comandada pela pecuária de leite. Segundo o entrevistado, tradicionalmente a produção da região desse município era dividida em 70% pecuária e 30% grãos. Em 2014 esse quadro se inverteu, passando a 30% de pecuária e 70% agricultura (35% cana-de-açúcar e 35% soja).

O município de Iturama já possuía um desenvolvimento em sua estrutura e atividades comerciais em relação aos outros municípios onde a Coruripe se instalou no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Nesse sentido, Iturama não sofreu grandes influências pela instalação da usina como os demais municípios. Com a vinda da Coruripe, a região teve crescimento principalmente em sua geração de novos empregos, haja vista que os outros setores já possuíam algum desenvolvimento.

Com a presença das filiais da Coruripe na região, houve um aumento no comércio de prestação de serviços como oficinas, autopeças, postos de combustível etc. Toda essa economia é principalmente movimentada em virtude dos fornecedores que

atuam naquela região. Toda essa demanda do comércio de serviços especializados para as agroindústrias canavieiras necessita de uma mão de obra capacitada para atuar nesse serviço, sendo a grande dificuldade encontrar esse pessoal. *“Existe a vaga mas não encontram profissional”*.

Segundo o entrevistado, o distrito Alexandrita, é privilegiado por possui a melhor logística para quem quer trabalhar na região. Ele está no centro, a 70 Km de Paranaíba-MS, a 90 de Jales-SP e a 90 Km de São Simão-GO. Como a filial de Iturama está distante de Uberlândia e Uberaba, é utilizado São José do Rio Preto-SP como referência para alguns serviços que a região não oferece, como exemplo, serviços hospitalares. A distância é de *“200 Km, sendo 90 Km de asfalto bom e 110 Km de pista dupla, enquanto para Uberlândia são 270 Km de pista com muitas curvas. Então, a gente utiliza muito mais São Paulo do que Minas Gerais”*. Nesse sentido, os principais fornecedores de cana da Coruripe Filial Iturama preferiram se instalar nesse distrito por possuir boa condição logística e proximidade com a usina.

Assim, a principal mudança provocada pela presença da Coruripe nos municípios de atuação foi gerar condição de trabalho que até então era restrito às atividades do campo. Na região de Iturama, por exemplo, trabalhavam-se nos meses iniciais na colheita do algodão, sem registro em carteira. Com a presença da usina, surgiram novos postos de trabalho em detrimento dos que existiam antigamente nas lavouras. Além dos empregados que a usina contrata, a presença dos parceiros<sup>8</sup> trouxe nova condição de emprego. São os parceiros principalmente que movimentam o capital na comunidade. Nesse sentido, o comércio se desenvolveu, modificaram-se os postos de trabalho e houve uma necessidade de prestadores de serviços de diversas categorias. O crescimento no comércio está relacionado a demandas que a instalação de uma usina precisa para o seu funcionamento e manutenção. Para os moradores locais, a usina trouxe crescimento e renda para a região.

Como aponta o fornecedor de cana responsável pelo Grupo Boldrin<sup>9</sup> em entrevista, há 15 anos atrás, quando eles vieram para a região, em Iturama havia algumas lojas de peças e oficinas. Em 2014 encontra-se agências de caminhão, de trator, de colhedora, de veículos, etc. Já para os municípios de Carneirinho e Limeira do Oeste o crescimento comercial não foi significativo. Podemos considerar que o crescimento maior foi em relação a geração de novos empregos, pois devido à proximidade com Iturama, essas demandas

acabam sendo suprimidas pelo comércio de lá. Então Iturama tornou-se um centro polarizador de serviços nesse eixo da Coruripe no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Devemos ressaltar que os novos empregos gerados e os melhores salários estão restritos aos grandes proprietários de terras e empresários do agronegócio, onde a população desses municípios ficaram excluídas desse processo. Esses empregos, em sua maioria, não foram para os moradores locais que já residiam nos municípios anterior à instalação da usina, mas sim para aquelas que devido ao atrativo das demandas da usina, migraram para esses municípios exercendo alguma atividade relacionada à usina, seja na prestação de serviços, ou estabelecendo comércio e/ou diversos outros serviços que a usina ou o município demandam. Portanto, o benefício maior obtido pela população dos municípios de Campo Florido, Limeira do Oeste e Carneirinho foi em relação a dependência que existia de municípios próximos em relação aos diversos serviços que antes era precário ou inexistente nesses municípios, como os hospitalares, educacionais, comerciais. Campo Florido dependia do município de Uberaba para suprir essas necessidades, enquanto Carneirinho e Limeira do Oeste dependiam de Iturama.

Embora apresentado crescimento econômico nesses municípios, todo o discurso em torno das boas condições que a usina trouxe para a região é arriscado a partir do momento em que o setor sucroenergético é instável, pois ele é controlado pelas demandas do mercado. Enquanto a produção de etanol for viável para o país, o Estado continuará incentivando a produção.

A dependência da região para com a usina é grande e isso torna-se vulnerável. Caso a empresa encerre as atividades, esses municípios sofreriam alguns impactos e a perda seria considerável. O município que menos sofreria com a saída da empresa seria Iturama, pois ele não possuiu uma grande dependência, além de possuir outros meios de arrecadação de capital. No entanto, os municípios de Limeira do Oeste, Carneirinho e Campo Florido sofreriam no sentido da perda dos empregos que ela gerou e dos melhores salários, porém, como ressalta o prestador de serviços do Grupo, o risco disso acontecer é remoto. *A cada dia que passa a gente tem informação, uma notícia de alguém querendo ser sócio, alguém querendo investir mais na região, mas sempre parceiros deles, não sozinhos, pra aproveitar o know how que eles tem<sup>10</sup>.*

Diante do exposto, percebemos que o Grupo criou algumas redes de dependência, pois estabeleceu laços com as esferas sociais e municipais. A Coruripe

criou uma forte relação com os municípios e seu entorno, fazendo com que muitos dependam de sua presença para se manterem com os atuais padrões de vida. Esse fato trata-se de uma captura das lógicas sociais e econômicas pelos grupos, visando uma competitividade regional e vulnerabilidade territorial que representa enormes implicações na estrutura agrária das regiões em que se realiza a produção canavieira.

### **Transformações no espaço agrário no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba frente à expansão canavieira**

Quando se trata das discussões a respeito do modo de produção capitalista baseado no agronegócio, devemos levar em consideração os impactos que essa atividade gera, tanto os sociais, como os econômicos e ambientais. É a partir do agravamento desses impactos que a monocultura canavieira apresenta uma capacidade de transformar o território e o modo de vida das populações, principalmente as camponesas que são afetadas diretamente pela expansão das monoculturas.

A expansão canavieira tem aumentado de forma acelerada nos últimos anos, incorporando novas áreas ao processo produtivo. Isso reflete nas discussões a respeito da ameaça à produção de alimentos, onde sua área cultivada está diminuindo devido ao desenvolvimento de empresas do agronegócio. Tradicionalmente, a mesorregião é caracterizada pelas atividades de agricultura e pecuária, com a produção de grãos e instalação de indústrias de processamento, e é responsável por grande parte da produção de cana-de-açúcar.

Como apontado no estudo sobre os “*Impactos de grandes projetos em direitos humanos*”, a expansão da cana no Cerrado pode estar ocorrendo em áreas agrícolas ou remanescentes de vegetação nativa e as regiões que estão sendo afetadas por essa expansão já apresentam grande queda na produção de alimentos, como já ocorreu no Estado de São Paulo onde a produção da cana superou a de cultivos como milho, feijão, café, arroz e laranja. O que ocorre é uma “tendência de diminuição das variedades produzidas, com o avanço e predomínio das monoculturas ligadas ao agronegócio” (*Diagnóstico de Impactos de grandes Projetos em Direitos Humanos*, 2009, p.61).

Tomando como exemplo os municípios onde a usina Coruripe está presente em Minas Gerais, percebemos alguns impactos nos principais cultivos agrícolas e na pecuária. Esses municípios, anterior à expansão canavieira, tinham como base

econômica a pecuária, que desde a década de 2000 vem perdendo espaço para as áreas de produção canavieira. Ainda, as atividades camponesas como a produção de alimentos estão diminuindo ao longo dos anos, à medida que o Estado incentiva as agroindústrias sucroenergéticas.

Analisando os dados da Produção Agrícola Municipal (PAM) do IBGE, referentes a década de 2000 (2002 a 2012) notamos que a produção e a área plantada de cana-de-açúcar têm aumentado em relação aos demais cultivos agrícolas desses municípios, como o milho e a soja. No município de Campo Florido, por exemplo, a área plantada de cana-de-açúcar ultrapassou a de soja em 2006, principal cultivo do município até então, que vem diminuindo sua produção ao longo dos anos. Os municípios de Limeira do Oeste e Carneirinho também apresentam grande evolução canavieira a partir do momento em que a Coruripe se instalou.

Uberaba, por exemplo, conhecido tradicionalmente pela pecuária e o gado zebu, também se destaca na produção canavieira, o que desencadeia a crítica em relação à sua expansão nas áreas de pastagem. O que deve ser analisado é até que ponto a expansão das lavouras de cana pode ser notada em áreas de agricultura e de pastagens do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. A região se destaca na produção de carne e leite, o que pode prejudicar a demanda dessa produção, tanto em quantidade quanto no custo final do produto. Esse processo teve início a partir da década de 1990, com a substituição das áreas de pastagem por lavouras de cana-de-açúcar, e o impacto é ainda maior se analisado os municípios separadamente.

Embora seja constatada a substituição de pastagem de pecuária por lavouras de cana, o que se reflete no aumento da área total cultivada (entre 22% e 32% aproximadamente), esse aumento não é suficiente para garantir a introdução da cana-de-açúcar sem afetar as demais produções, e fica claro que ela passa a concorrer e a invadir as áreas antes dedicadas à soja, milho, sorgo, algodão, feijão e arroz principalmente (AFES, 2009, p. 69-70).

Os defensores do agronegócio canavieiro alegam que há muitas áreas a serem exploradas pela cana-de-açúcar, isentando a mesma da ameaça a produção de alimentos e a pecuária. O que ocorre é que essa “tendência de substituição de pastagens por lavouras de cana-de-açúcar pode representar a principal (mas não a única) modificação na estrutura produtiva da região”. Segundo estudo, a pecuária ocupava quase 70% das terras da região (AFES, 2009, p. 57). Devido à expansão canavieira, a pecuária está se

reorganizando para confinamentos e migrando para outras regiões do país, como Norte e Centro-Oeste, sobretudo os estados do Pará, Maranhão, Rondônia, Amazonas e Mato Grosso, pertencentes a Amazônia Legal.

A Tabela 01 apresenta os dados referentes à utilização das terras dos últimos Censos Agropecuários (1985-1995/96-2006) nos municípios de Campo Florido, Carneirinho, Iturama e Limeira do Oeste.

**Tabela 1: Utilização das Terras (em hectares) – Campo Florido, Carneirinho, Iturama e Limeira do Oeste (1985, 1995/96 e 2006)**

Municípios	Campo Florido			Carneirinho			Iturama			Limeira do Oeste		
	1985	1995	2006	1985	1995	2006	1985	1995	2006	1985	1995	2006
<b>Lavouras Permanentes</b>	919	820	1.811	-	306	254	1.120	307	3.523	-	197	1.872
<b>Lavouras Temporárias</b>	19.759	15.986	17.099	-	3.752	1.658	47.665	23.220	2.387	-	4.623	2.058
<b>Pastagens Naturais</b>	37.593	7.469	18.058	-	16.194	86.537	17.815	6.093	3.947	-	6.625	10.112
<b>Pastagens Plantadas</b>	64.093	78.894	16.534	-	132.939	38.405	391.709	170.401	51.365	-	88.772	56.918
<b>Matas Naturais</b>	10.962	7.783	7.179	-	15.558	13.375	59.663	15.876	10.117	-	9.250	11.286
<b>Matas Plantadas</b>	37	143	Não disponível	-	275	Não disponível	97	1.122	Não disponível	-	162	29

\* Os municípios Carneirinho e Limeira do Oeste não possuem dados do Censo Agropecuário de 1985, pois foram oficialmente criados em 1992. Limeira do Oeste era distrito de Iturama e emancipou-se em 1992.

Fonte: Censo Agropecuário 1985, 1995/1996 e 2006 – IBGE, 2014.

Org.: CAMPOS, N. L., 2014.

Observando a Tabela 01 percebemos que as lavouras permanentes apresentaram crescimento em suas áreas, enquanto as temporárias apresentaram declínio em quase todos os municípios. O que ocorreu foi uma diminuição nas lavouras, bem como nas pastagens. Em contrapartida, nos municípios analisados, as áreas cultivadas com cana-de-açúcar tiveram um elevado crescimento. Nesse sentido, podemos afirmar que a cana, além de ocupar áreas antes destinadas a esses cultivos, está ocupando, sobretudo, as áreas de pastagens, que nas décadas de 1970/80 e 90 eram predominantes nesses municípios.

Segundo Sauer e Pietrafesa (2012), há um discurso recorrente, deste a metade dos anos 2000, entre defensores do aumento da produção de etanol, de que “essa expansão se dará basicamente sobre pastagens, especialmente em áreas degradadas e não sobre outras culturas (como de alimentos, por exemplo), nem sobre áreas remanescentes de biomas do Cerrado ou da Floresta Amazônica” (SAUER;

PIETRAFESA, 2012, p. 19). Porém, o que visualizamos é que a cana-de-açúcar vem avançando sobre as pastagens e áreas agrícolas.

Além das implicações do modo de produção dos agrocombustíveis com a agricultura e a pecuária, outra questão importante que sofreu alterações foi o preço da terra. A demanda por terras agricultáveis vem crescendo, e com isso ocasionando impactos no mercado de terras. A incorporação dessas áreas pela cana-de-açúcar e a disputa com as áreas de soja, milho e pecuária tem causado um aumento no preço das terras. O preço da terra sofreu grande valorização devido aos investimentos agroindustriais. Minas Gerais nos últimos 10 anos teve uma variação de 330% no preço das terras agrícolas de alta produtividade. Essa valorização está relacionada ao boom trazido pelas lavouras canavieiras e os investimentos de grandes indústrias.

As terras agrícolas de alta produtividade no Cerrado em sequeiro de Unaí, polo produtor do Noroeste, apresentaram valorização de 511%, seguida do aumento de preços de 429% do hectare de terra agrícola de alta produtividade no Cerrado irrigado no mesmo município. As terras agrícolas com café na região de Lavras e Pouso Alegre, no Sul do estado, encareceram 395% e as áreas com cana-de-açúcar em Uberaba, no Triângulo, ficaram 314%, em média, mais caras (ESTADO DE MINAS, 2013).

A capacidade produtiva das terras é o principal argumento do aumento do preço das mesmas no estado, além do crescimento contínuo da demanda por alimentos e matérias-primas agropecuárias no mundo, que sustentou a valorização nos últimos 10 anos. “Em Uberaba, o presidente do Sindicato Rural local, Rivaldo Machado Borges Júnior, lembra o impacto da expansão da fronteira da cana-de-açúcar, combinada ao desenvolvimento da indústria na cidade de 292,4 mil habitantes” (ESTADO DE MINAS, 2013). O impacto da crise financeira mundial de 2008 também colaboraram com esse aumento, fazendo com que aumentassem os investimentos em negócios seguros, tais como terras e imóveis.

De acordo com o registro do Índice de Preços de Terras, a valorização foi ainda maior no estado de Minas Gerais na última década, chegando a 530%. Segundo Pierre Vilela, coordenador da Assessoria Técnica da FAEMG, o Índice de Preços de Terras (IPT) é o mais importante indicador do desempenho do agronegócio mineiro e que a valorização das terras acompanha a da produção agrícola que vive um ciclo de valorização intensa desde 2007, sendo base de sustentação para essa acelerada valorização no período.

O encarecimento das terras também está relacionado a fatores externos, como “o crescimento dos centros urbanos e áreas de mineração, o esgotamento de novas áreas e o acirramento da legislação ambiental, inclusive com perda de áreas para a recomposição” (FAEMG, 2014). As áreas de mata são as mais valorizadas, acima das pastagens e lavouras. “Enquanto terras destinadas à pastagem valorizaram 12,68% e as de lavouras 12,11%, as matas ficaram 22,86% mais caras no último ano devido a busca por compensação ambiental e por áreas de reserva legal” (FAEMG, 2014). Na Tabela 02 temos evolução do Índice de Preços de Terras de Minas Gerais das áreas de matas, pastagens e lavouras.

**Tabela 2: Índice de Preços de Terras – Minas Gerais (2002-2012)**

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Matas</b>	100,00	136,92	206,55	222,92	223,56	273,55	362,51	435,85	620,38	832,75	1129,41
<b>Pastagens</b>	100,00	141,07	189,77	201,50	198,69	240,09	289,85	333,94	367,78	445,57	528,93
<b>Lavouras</b>	100,00	137,79	166,63	182,66	200,05	212,98	282,99	318,32	336,92	371,77	435,09

Obs.: Calculado com os pesos baseados na área dos estabelecimentos agropecuários correspondente ao ano de 2006 (IBGE).

Fonte: FAEMG, 2014.

Org.: CAMPOS, N. L., 2014.

O Índice de Preços de Terras/MG das áreas de matas teve uma variação significativa frente as demais áreas chegando a 35,62% no último ano, enquanto a pastagem alcançou 18,71% e as lavouras 17,03%. Contudo, no ano de 2013 as “áreas de lavoura tiveram maior valorização ficando 19,41% mais caras, na média. Em seguida, as pastagens, com aumento de 17,74% e as áreas de mata, com 16,86% de acréscimo” (RURALBR, 2014). As áreas mais caras encontram-se próximas a BR-050 que liga Uberlândia e Uberaba ao estado de São Paulo. Na região o hectare chega a R\$ 52 mil (ESTADO DE MINAS, 2013).

Segundo o *Diagnóstico de Impactos de Grandes Projetos em Direitos Humanos (2009)*, em Campo Florido no ano de 2007 relatou-se uma valorização de terras entre 60% e 70%, desde a instalação da usina Coruripe, situação também observada em Iturama e Limeira do Oeste (AFES, 2009, p. 49). Em reportagem<sup>11</sup>, o empresário L. C. R., plantador de cana há 8 anos, relata que sua produção passou de 116 mil toneladas em 2011, para 134 mil em 2012. Em 2014 sua produção deve aumentar de 10% a 20%. O empresário alega que o crescimento das lavouras garante que a terra se mantenha

valorizada e o arrendamento se torna um excelente negócio. *“Enquanto tiver terra para arrendar é melhor arrendar e plantar, pagando-se o que roda em nosso município: cana em torno de 60 a 70 toneladas por alqueire e soja 45 sacas por alqueire”*.

A questão dos arrendamentos para a cana-de-açúcar, ainda que vista como um ótimo negócio para quem possui terras na região, gera um embate entre o agronegócio e a produção camponesa. Em Campo Florido, por exemplo, os assentados do PA Nova Santo Inácio Ranchinho, assentamento criado em 1994 fizeram contratos de arrendamentos de terras com a usina, onde a mesma explora essas terras para a produção canavieira, tendo esses assentados como fornecedores de cana para a Coruripe.

A presença de áreas de assentamentos para a produção canavieira é comum na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, como o caso do PA Nova Santo Inácio Ranchinho, em Campo Florido. No assentamento, parte dos assentados aderiram aos contratos com a usina por meio de arrendamentos dos lotes para a exploração canavieira.

Segundo a pesquisa de Souza (2010), a opção pelo arrendamento ocorreu como uma alternativa econômica que dá relativa segurança às famílias visto que as demais culturas como pimenta e algodão tem sido mal sucedida. Nem todas as famílias concordaram com essa iniciativa e resistiram, permanecendo com as atividades tradicionais e na produção de leite.

No início de 2014, a Coruripe renovou os contratos por mais quatro anos (até 2018) com os assentados do PA. Nova Santo Inácio Ranchinho, porém, a maioria dos assentados não quiseram renovar o contrato. Segundo entrevista com proprietário de terra no assentamento, os assentados estão insatisfeitos com a remuneração obtida no arrendamento de terras. Isso fez com que menos da metade dos assentados renovassem o contrato com a usina. A produção canavieira só é viável aos que possuem grandes extensões de terras e infraestrutura para produzir. No assentamento, um lote com cerca de 19 hectares gera uma renda de aproximadamente R\$ 1250,00 mensais se arrendado para a cana. Nesse sentido, os assentados estão optando em voltar com a criação de gado de leite, onde a renda chega a ser o dobro do que com as terras arrendadas para a usina.

No entanto, os assentados que tem condições de produzir em suas terras não tem mais o interesse de assinar contratos com a usina. Segundo entrevista, renovaram contrato apenas os proprietários que não residem no assentamento, portanto, não estão

produzindo nas terras e os assentados que estão satisfeito com a renda mensal de R\$ 1250,00. Já o interesse da usina nessas terras é devido à proximidade com a unidade produtiva, o que gera menos custo de produção e transporte para a mesma.

Diante dessas situações, o que ocorre hoje no Triângulo Mineiro e demais regiões onde o agronegócio se manifesta, é um aumento da concentração fundiária e exclusão dos pequenos produtores. Esses, que encontram dificuldades de permanecer no campo, produzir e competir em uma região onde o agronegócio é predominante, optam por unir a agricultura capitalista como forma de manutenção no campo. Nos municípios de atuação do grupo Tércio Wanderley é visível sua atuação e como ele transforma o território.

### **Considerações**

O agronegócio canavieiro tem motivado novos debates em torno da questão agrária atual, principalmente no que diz respeito aos impactos gerados pelas monoculturas, que necessitam cada vez mais de extensas áreas para sua produção, apropriando de territórios camponeses e promovendo sua exclusão no desenvolvimento do capital. Quando observamos a região Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba este processo se complexifica. Isto porque nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do século XXI, o setor sucroenergético ganha novas nuances, sobretudo, devido ao papel fundamental das redes na apropriação e controle do território.

Devido ao grande número de empreendimentos na mesorregião, aumentou também as discussões relacionadas ao modo de produção canavieira e o crescimento dos impactos por elas gerados, como conflitos em relação a água e a produção agropecuária. A inserção de monoculturas, como a cana-de-açúcar vem prejudicando a produção rural familiar e camponesa que está perdendo espaço, perdendo o seu território (desterritorializando), além de ter que se submeter a esse modelo agrícola voltado a geração de lucro e acumulação de capital, por não conseguir competir com um oponente forte como o agronegócio.

Nesse sentido, surge a preocupação em relação à produção de alimentos, que em algumas áreas tem diminuído tanto em extensão quanto em sua variedade. O modelo do agronegócio traz danos não só para os trabalhadores rurais, mas para toda a sociedade brasileira. A incorporação de terras para a monocultura canavieira é um dos principais

problemas dos conflitos sociais em Minas Gerais e na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Em nossa análise, utilizamos a atuação do Grupo Tércio Wanderley (usinas Coruripe), a fim de verificar as transformações ocorridas na região, principalmente nos municípios em que as usinas atuam. Com isso, identificamos as redes tecidas pelo grupo e como essa rede se organiza, visando a expansão e a acumulação de capital.

Por fim, outras questões foram importantes pautando nas experiências do Grupo, que geraram transformações territoriais nos municípios de Iturama, Campo Florido, Limeira do Oeste e Carneirinho. Essas transformações, foram positivas para os municípios apenas com relação ao crescimento econômico, com a expansão do comércio local e geração de empregos em diversos setores. Porém, o que ocorreu foram melhores condições de empregos para os grandes produtores que já atuavam no agronegócio canavieiro, que possuíam capital para a aquisição de terras na região e condições para o cultivo canavieiro. Os camponeses e os habitantes dos municípios não foram inseridos nesse processo e os pequenos proprietários que se arriscaram no agronegócio canavieiro arrendando suas terras, não obtiveram uma renda superior a qual teriam se cultivassem em suas terras.

Nesse sentido, a produção canavieira só é viável em grandes extensões de terras e quando o produtor detém os meios de produção (máquinas) e capital para investir em melhorias nos canaviais, aumentando a produtividade.

## **Notas**

<sup>1</sup> Entrevista com prestador de serviços das usinas Coruripe (Iturama - Maio/2013).

<sup>2</sup> Imposto Sobre Serviço de qualquer natureza.

<sup>3</sup> Entrevista com prestador de serviços das usinas Coruripe (Iturama - Maio/2013).

<sup>4</sup> Entrevista com o Gerente administrativo da Coruripe Filial Campo Florido (Campo Florido - Setembro/2013).

<sup>5</sup> Aqui refere-se a Filial Iturama.

<sup>6</sup> Entrevista com Prestador de Serviços das usinas Coruripe (Iturama - Maio/2013).

<sup>7</sup> Entrevista com Gerente Administrativo da usina Coruripe Filial Campo Florido (Campo Florido - Agosto/2013).

<sup>8</sup> Aqui estamos utilizando a definição da usina que denomina parceiros todos os produtores e fornecedores de cana, ou seja, todos que oferecem serviços a ela.

<sup>9</sup> Um dos principais fornecedores de cana-de-açúcar da Coruripe Filial Iturama, atuando desde a primeira safra da usina em 1996.

<sup>10</sup> Entrevista com Prestador de Serviços das usinas Coruripe (Iturama - Maio/2013).

<sup>11</sup> Região do Triângulo Mineiro tem as terras mais valorizadas do país. G1. 30 mar. 2013.

## Referências

AFES. Ação Franciscana de Ecologia e Solidariedade. **Diagnóstico de Impactos de grandes projetos em direitos humanos** – Estudo de caso sobre a cana-de-açúcar (agronegócio/agroecologia) no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Minas Gerais. Coordenador: Frei Rodrigo de Castro Amedée Péret. Uberlândia, 2009.

BENNETI, M. D. A internacionalização recente da indústria de etanol brasileira. **Indicadores Econômicos FEE**. Porto Alegre, vol. 36, nº 4, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p.

CASTILLO, R. A expansão do setor sucroenergético no Brasil. In: BENRARDES, J. A.; SILVA, C. A.; ARRUIZZO, R. C. (Org.). **Espaço e energia: mudanças no paradigma sucroenergético**, 1ª Edição, Rio de Janeiro. Editora Lamparina, 2013. 224 p. p. 75-84.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. **Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo**. Sociedade & Natureza. Uberlândia, v.22, n.3, p.416-474, 2010.

COSTA, J. M.; SILVA, G. V. Redes técnicas na reestruturação do território Latino-Americano: considerações sobre as políticas da IIRSA na América do Sul. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, III., 2007, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA/Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, 2007, p. 1-7.

DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C. & CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. 1.ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.141-162.

FERNANDES, B. M. Estrangeirização de terras na nova conjuntura da questão agrária. In: Antônio Canuto, Cássia Regina da Silva Luz, Isolete Wichinieski (Org.). **Conflitos no Campo Brasil 2010**. Goiânia: CPT, 2011.

MAZZALI, L. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MULLER, G. **Complexo agroindustrial e modernização agrária**. São Paulo: HUCITEC, 1989. 149 p.

RAMOS, P. Referencial teórico e analítico sobre a agropecuária brasileira. In: Pedro Ramos... [et al]. **Dimensões do agronegócio brasileiro: políticas, instituições e perspectivas**. Brasília: MDA, 2007, 360 p. p.18-52.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2a. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SAUER; S.; PIETRAFASA, J. P. Cana de açúcar, financiamento público e produção de alimentos no Cerrado. **Revista Campo-Território**. Uberlândia, vol. 7, nº 14, p. 1-29, ago. 2012.

SOUZA, A. G. **Os novos territórios do etanol**: transformações da expansão da cana-de-açúcar em Campo florido – (MG). 2010. 90 f. Monografia - Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2010.

VENCOVSKY, V. P. Setor sucroenergético: a emergência de um novo período. In: BENRARDES, J. A.; SILVA, C. A.; ARRUIZZO, R. C. (Org.). **Espaço e energia: mudanças no paradigma sucroenergético**, 1ª Edição, Rio de Janeiro. Editora Lamparina, 2013. 224 p. p. 51-62.

Recebido em 04/11/2014.

Aceito para publicação em 18/03/2015.